



Saussure, Benveniste e o signo linguístico: Princípio único ou significação?

Rita de Cássia Dias Verdi Fumagalli¹ (UPF)

Resumo: Este estudo apresenta reflexões acerca da natureza do signo linguístico sob a perspectiva de Ferdinand de Saussure (2012) e de Émile Benveniste (2005 e 2006). A partir de uma pesquisa teórico-conceitual, busca-se refletir sobre a seguinte assertiva: Ao pôr em relevo a questão da significação, Benveniste procurou ir além da proposta teórica sobre a arbitrariedade do signo linguístico proposta por Ferdinand de Saussure? Considerando os princípios teóricos abordados verifica-se, essencialmente, que o signo linguístico para Saussure, além de caracterizar-se por ser composto de um significante e um significado, possui também como característica a arbitrariedade. Em oposição a este pensamento, Benveniste considera que a relação entre significante e significado não é uma relação de arbitrariedade, mas sim uma relação de necessidade. A partir dessas reflexões nota-se que as ideias de Saussure e Benveniste somam-se em alguns pontos e seguem caminhos diferentes em outros, questão que será evidenciada no decorrer deste trabalho.

Palavras-chave: Saussure; Benveniste; Signo linguístico; Significação.

Abstract: This paper presents reflections on the linguistic sign nature from the perspective of Ferdinand de Saussure (2012) and Émile Benveniste (2005 and 2006). From a conceptual theoretical research, it seeks to reflect upon the following assertive: when highlighting the question of meaning, did Benveniste try to go beyond theoretical proposition about the arbitrariness of the linguistic sign proposed by Ferdinand de Saussure? Considering the theoretical principles addressed it appears, essentially that the linguistic sign for Ferdinand de Saussure besides the fact that it is characterized as comprising a significant and a meaning, it also bears the characteristic of arbitrariness. In opposition to this thought, Benveniste considers that the relation between significant and meaning is not an arbitrariness relation, but a necessity relation. From these reflections, it is possible to perceive that Saussure and Benveniste's ideas add up in some points and follow different paths in others, an issue that will be highlighted in this paper.

Keywords: Saussure; Benveniste; linguistic sign; meaning.

1. Considerações iniciais

O objetivo do presente trabalho é realizar um exercício de leitura da teoria benvenistiana em contraponto com a teoria saussuriana sobre a natureza do signo linguístico. Esse exercício torna-se pertinente devido à relevância das contribuições dos autores para os estudos linguísticos.

Pode-se afirmar que todo o conhecimento sobre linguagem produzido no século XX teve sua origem em um ponto comum, a obra **Curso de linguística Geral (doravante CLG)** surgida em 1916, na França. Fruto da dedicação dos discípulos de Ferdinand de Saussure, professor da Universidade de Genebra que faleceu em 1913. Seus discípulos recolheram diligentemente os cadernos de notas dos colegas e escreveram o livro que difundiu para o mundo a teoria saussuriana, cujas reflexões serviram de base para a construção da linguística como uma nova ciência humana.

É através do **CLG** que a linguística começa a reconhecer seu objeto de estudo específico, a língua, conceituada como **sistema de signos**. Nessa concepção, Saussure define o signo linguístico através da dicotomia significante e significado. Conforme o pai da linguística, uma coisa é definida somente quando está em oposição com outra. Assim, o laço que une essa associação é **arbitrário**.

A partir das ideias de Saussure surgem outros autores, alguns, as aceitam e outros, as criticam. De fato, é a partir da crítica ou da aceitação que surgem aprimoramentos de teorias linguísticas, e mesmo, novas teorias.

Émile Benveniste, um linguista francês, foi considerado um estruturalista por ter, em vários de seus estudos, a retomada de bases teóricas saussurianas, porém, sua visão acerca da linguagem e da própria língua difere em muitos pontos de Saussure. Benveniste retoma a questão da natureza do signo linguístico para problematizá-la e propor outro esquema teórico.

No decorrer deste trabalho, busca-se percorrer algumas considerações sobre o pensamento benvenistiano e mostrar a evolução do conceito de signo linguístico em sua obra. Devido à amplitude do tema, a questão norteadora deste estudo está em responder à seguinte questão: Ao pôr em relevo a questão da significação, o linguista francês procurou ir

além da proposta teórica sobre a arbitrariedade do signo linguístico proposta por Ferdinand de Saussure?¹

Em vista disso, serão utilizados como arcabouço teórico, as leituras realizadas da primeira e segunda parte do **Curso de Linguística Geral** de Ferdinand de Saussure, como também, a partir da leitura da obra **Problemas de Linguística Geral I (PLG I)** e **Problemas de Linguística Geral II (PLG II)**, de Émile Benveniste, especificamente os textos voltados a concepções de língua, linguagem, significação e signo linguístico, entre outros textos teóricos que estabelecem relações entre os autores.

O artigo está dividido em quatro partes, a primeira parte é dedicada à discussão sobre a concepção do conceito de língua na perspectiva de Saussure e Benveniste, tal abordagem se faz necessária, em decorrência da diferenciação que o entendimento de língua assume para ambos os autores. Essas diferentes abordagens de língua tornam-se importantes dentro deste estudo para chegarmos à concepção de signo.

A segunda parte do artigo é destinada à abordagem sobre o arbitrário do signo linguístico conforme as considerações saussurianas encontradas no primeiro capítulo do **CLG** (2012). Em contraponto à segunda, a terceira parte do texto, visa apresentar o conceito de signo linguístico pensado por Benveniste em **Natureza do Signo linguístico** evidenciadas na segunda parte do livro **PLG I** (2005).

Na quarta parte, a abordagem recai sobre o questionamento central desse trabalho, evidenciando, de forma mais específica, alguns aspectos da obra de Benveniste principalmente sobre a questão do arbitrário saussuriano, uma vez que, o linguísta francês, não aceita o signo como um princípio único da língua em seu funcionamento discursivo, promovendo assim, uma discussão acerca da afirmação saussuriana de que a relação entre o significante e o significado seria algo arbitrário.

Dessa forma, a partir das perspectivas teóricas abordadas, busca-se, ao final das discussões, evidenciar que o conceito de arbitrariedade do signo linguístico, pensado por Saussure e apresentado no **CLG**, não é da mesma maneira apresentado por Benveniste. Para chegar a tal afirmação é necessário abordar trechos da obra benvenistiana que tratam da significação, compreendendo assim, que a significação é a chave para que se discutam as

1 Normand (2007, p. 18) afirma que o incomodava Benveniste era a questão da arbitrariedade do signo linguístico proposta por Saussure. Isso explicaria o fato de que, conforme a autora, Benveniste teria "ultrapassado" Saussure, "aqui Benveniste separa-se, sem o declarar, de Saussure. Ele nos diz que se trata somente de "ir além" no estudo da significação; na realidade, pode-se pensar que ele vai a outro lugar [...]". (NORMAND, 2007, p. 19).

noções contraditórias de Benveniste em relação aos pressupostos saussurianos sobre o signo linguístico.

2. Saussure e Benveniste: Concepções básicas sobre língua

Apresentar as definições de língua e linguagem de Saussure e de Benveniste seria por si só, trabalho extenso e intenso. Nesse sentido, objetiva-se neste artigo estabelecer, para os fins de abordagem sobre o signo linguístico, uma definição de língua proposta no **CLG** e adotada por Benveniste no **PLG I e II**.

Para se afirmar como ciência, a linguística necessitava definir seu objeto e obter um método que atendesse ao estudo desse objeto. No capítulo III, da introdução do **CLG** (2012), obra póstuma escrita a partir dos cadernos de alunos de Saussure, encontram-se os primeiros questionamentos sobre o objeto, integral e concreto da linguística. Conforme Saussure, definir esse objeto é particularmente difícil.

Essa dificuldade, segundo Saussure, explica-se pelo fato de que a linguística mantém uma relação muito próxima com outras ciências, porém, diferentemente das ciências naturais, em que o objeto de estudo é facilmente percebido pelos sentidos, para a linguística, não bastam os sentidos para que se determine esse objeto. Conforme Saussure (2012, p. 39), o objeto não preexiste ao ponto de vista teórico, mas sim é criado por ele, ou seja: **é o ponto de vista que cria o objeto**.

A partir desse pensamento, Saussure se dispõe a uma longa análise dos fatos de linguagem, objetivando determinar um objeto que viabilizasse o estudo científico desses fatos. Através dessas análises, Saussure consegue distinguir o objeto da língua dos demais fatos de linguagem, dando início aos significativos estudos acerca da língua.

Ao se apropriar da língua como objeto supremo da Linguística, Saussure distingue claramente linguagem de língua. Conforme o professor genebrino, “a linguagem é multiforme e heteróclita [...] ao mesmo tempo física, fisiológica e psíquica, ela pertence, além disso, ao domínio individual e ao domínio social”. (SAUSSURE, 2012, p. 41), ou seja, língua e fala.

Sobre a língua, Saussure (2012, p. 41) discorre que, ao contrário da linguagem, ela “é um todo por si e um princípio de classificação”, atribuindo ainda à língua um aspecto

convencional, de algo adquirido, sendo ao mesmo tempo um produto social da faculdade nos indivíduos. Conforme Saussure, a linguagem não se apreende; enquanto a língua, sim.

Desse modo, Saussure (2012, p. 41) define a língua como um dado social, portanto coletivo “um produto social da faculdade de linguagem e um conjunto de convenções necessárias, adotadas pelo corpo social para permitir o exercício dessa faculdade nos indivíduos”.

Através dessas considerações iniciais sobre linguagem e língua, tecidas por Saussure, é possível perceber que, segundo o autor, a língua é uma das **faculdades** do ser humano, a maneira que o homem tem de se expressar através de signos; já a linguagem é a parte **essencial** da mesma, ou seja, um dos modos de o homem manifestar sua capacidade. A língua, para o autor, independe do indivíduo para ser formada e desenvolvida.

No entanto, conforme Saussure (2012), há um paradoxo inerente à **langue-parole**², dessa forma, é preciso haver fala para que a língua se estabeleça, isto é, é necessário que a fala seja utilizada por indivíduos para que realmente se forme e se desenvolva. Porém, o que o autor genebrino destaca é que esse desenvolvimento não depende de indivíduos isolados - no âmbito da fala, mas sim, da coletividade - no âmbito da língua.

Conforme o **CLG** (2012) a língua existe na coletividade sob a forma de uma soma de sinais depositados em cada cérebro, mais ou menos como um dicionário cujos exemplares todos idênticos, fossem repartidos entre os indivíduos [...]. (SAUSSURE, 2012, p. 51).

É perceptível para Saussure, que a língua está em cada indivíduo, embora seja comum a todos e independente da vontade dos depositários. Somente no todo dos indivíduos é que a língua se apresenta de modo completo. Sobre esse liame social que constitui a língua, o *CLG* (2012, p. 45) apresenta a seguinte assertiva,

Trata-se de um tesouro depositado pela prática da fala por todos os indivíduos pertencentes à mesma comunidade, um sistema gramatical que existe virtualmente em cada cérebro ou, mais exatamente, nos cérebros dum conjunto de indivíduos, pois a língua não está completa em nenhum, e só na massa ela existe de modo completo.

Tomando por base essa definição, percebe-se ainda, que a língua é para Saussure, virtual e comum, isto é, algo que existe potencialmente pelo social. Em continuidade, no

2 Um dos pilares do pensamento linguístico saussuriano é a distinção que este propõe entre os termos *língua* e *fala* (*langue* e *parole*), inseridos no conceito de linguagem. Conforme o linguista, a *langue* está no campo social e a *parole* situa-se na esfera do individual, “sendo impossível conceber um sem o outro”. (SAUSSURE, 2012, p.40).

CLG (2012, p. 45) é possível identificar uma separação metodológica entre língua e fala. A língua é considerada como algo que não constitui função do falante e a fala é, ao contrário, **um ato individual de vontade e inteligência**, que permite a pessoa refletir seu pensamento.

A partir dessa assertiva, o **CLG** (2012) mostra claramente que a visão saussuriana de língua tem em vista a comunicação em que os interlocutores alcançam o objetivo da compreensão mútua, sem levar em conta que os interlocutores podem possuir contextos, situações e vivências diferenciadas. Dessa forma, para Saussure (2012, p. 41), a língua é tomada como homogênea, um objeto de natureza concreta, e assim constitui **uma instituição social**. Sendo assim, ao evidenciar que a **língua constitui uma instituição social** verifica-se que Saussure assinalou o fato de a língua ser, em qualquer dado momento, imotivada em sua estrutura, em outras palavras, ela - **a língua** - é **arbitrária**.

Essas breves considerações a respeito da língua, evidenciadas através da leitura do **CLG** (2012), são relevantes nesse trabalho, visto que é a partir desses conceitos que Saussure considerada a língua como um sistema de signos, e estes, como a união arbitrária entre significante e significado, conceitos chaves que serão retomados posteriormente.

O encontro de Saussure e Benveniste em relação à língua é indubitável, conforme Normand (2007, p. 14): "Benveniste é o mais saussuriano dos linguistas, uma vez que permitiu resgatar a partir de Saussure uma linguística da significação". Através dessa afirmação é evidente que Benveniste segue os moldes de Saussure para tratar do seu objeto de estudo, a língua. Contudo, diferentemente de Saussure, a definição de língua para Benveniste não está em oposição à fala, já que a língua por ser um produto social, deve ser analisada do prisma de seu funcionamento, visto que é "na linguagem e pela linguagem que o homem se constitui como sujeito". (BENVENISTE, 2005, p. 286). Sobre isso Barbisan e Flores (2012, p. 14) comentam,

Observa-se igualmente, derivada do método, a definição de língua, não em oposição à fala, como propôs Saussure, mas a partir da noção mesma de *língua*, como *sistema de signos*. Estabelecendo níveis de análise e hierarquizando-os, em decorrência do último nível, Benveniste concebe a língua como instrumento de comunicação. Aí começa a linguagem [...].

Nesses termos, identifica-se que Benveniste tem se remetido à linguagem como instrumento de comunicação, pelo fato de considerar que a língua é o melhor meio que o

homem dispõe para se comunicar. Já que, conforme Benveniste (2006, p. 98), não é possível conceber uma sociedade sem língua. Assim “[...] a língua interpreta a sociedade. A sociedade torna-se significante na e pela língua, a sociedade é o interpretado por excelência da língua”.

Neste contexto, observa-se um rompimento do conceito de **língua** para Benveniste em relação à **langue** saussuriana, como sistema fechado. O linguista francês abarca em sua teoria, a exterioridade, ou seja, as relações entre falantes e o contexto comunicativo. Em vista disso, a língua assume uma dupla natureza, social e individual. Dessa forma, Benveniste (2005, p. 285) concebe uma nova dimensão à categoria da língua, define-a como sendo uma apropriação, uma relação com o mundo, esse caráter social da língua de que trata Benveniste é o da própria natureza do homem, ou seja: “é um homem falando que encontramos no mundo, um homem falando com outro homem”.

Essa função social da língua permite ao homem pela apropriação, significar (produzir sentidos) e ressignificar. A partir dessa afirmação é possível identificar que diferentemente de Saussure, Benveniste, no que tange o conceito de linguagem, propõe uma articulação entre o par língua-fala. No artigo intitulado **Vista d’olhos sobre o desenvolvimento da linguística**, evidenciado no **PLG I** (2005), o teórico discorre sobre a definição de língua e de linguagem.

Nesse texto, o autor toma a linguagem como “faculdade humana, característica universal e imutável do homem”, enquanto que as línguas são vistas como “sempre particulares e variáveis”, nas quais a linguagem se realiza. (BENVENISTE, 2005, p. 20). A partir dessa ideia é possível compreender a língua como instância de discurso daqueles que a utilizam, na visão benvenistiana há na língua um espaço para que o falante, enquanto homem, possa se apropriar dela e colocá-la em funcionamento por um ato individual de utilização.

Vê-se claramente, a partir dessa assertiva, o deslocamento dos estudos da linguagem para a enunciação. É pela noção de enunciação³, que Benveniste diferencia o seu projeto teórico do de Saussure, colocando a língua sob uma nova dimensão. Define-a como

3 A teoria da **enunciação** em Benveniste caracteriza-se por considerar o sujeito como centro de reflexão da linguagem, distinguindo enunciado (o já realizado) de enunciação (ato de produzir o enunciado). O que interessa, portanto, é o processo, isto é, as marcas do sujeito naquilo que ele diz. As considerações de formas da língua, que se definem a partir do seu uso pelo sujeito, levaram ao estudo da **subjetividade na linguagem**, onde o locutor se apropria dessas formas, instituindo-se como *eu* e definindo seu interlocutor como *tu*. (GIACOMELLI, 2009, grifo do autor).

sendo uma apropriação, uma relação com o mundo. É referência e correferência, é discurso, é o **eu** e o **outro**, é metalinguagem, é subjetividade.

Benveniste (2005, p. 286, grifo do autor) entende a subjetividade como “a capacidade do locutor de se propor como **sujeito**” conforme o autor: “A linguagem só é possível porque cada locutor se apresenta como **sujeito** remetendo a ele mesmo como **eu** no meu discurso”.

Assim, a subjetividade para Benveniste se dá na relação **EU-TU**, isso indica que somente o homem pode se dirigir a alguém, demonindo-se **eu**, e, então, assumir a posição do seu interlocutor, compreende-se o que Benveniste chama de **polaridade**. Essa polaridade é condição fundamental na linguagem, uma vez que ela existe no homem para torná-lo sujeito.

Isso indica que a subjetividade organiza a linguagem, conforme Benveniste é na instância do discurso que o sujeito se marca, ou seja, é colocando a língua em funcionamento que o indivíduo se constitui como sujeito e como sujeito do seu discurso, dando prosseguimento a um domínio de atualização da linguagem.

A partir dessas considerações a respeito da língua, calcadas nas perspectivas benvenistianas, é possível afirmar que Benveniste procurou, através de sua teoria, determinar as marcas enunciativas na linguagem. Dessa forma, chega-se à noção de signo que integra, no estudo da língua, a noção de significação.

Semelhante ao pensamento de Saussure, Benveniste aponta que a significação na língua também se encontra relacionada ao sistema abstrato de formas linguísticas, importando nesse caso, a relação entre os signos no interior de um sistema linguístico. Porém, o linguista francês vai além das ponderações saussurianas, considerando a língua em uso num determinado momento de enunciação, importante assim, a relação das formas linguísticas com as condições de uma enunciação. É evidente que Benveniste concorda com Saussure ao definir que a língua é um sistema de signos, contudo é no funcionamento da língua que o signo passa a existir.

Para chegar à questão central da teoria benvenistiana, a do estatuto da língua em meio aos demais sistemas de signos, torna-se necessário trazer à discussão considerações sobre o signo saussuriano, uma vez que, a apreensão do conceito de língua que perpassa a obra benvenistiana, passa necessariamente pela discussão do conceito de signo linguístico estabelecido por Saussure quanto à sua forma de significar.

Assim, após esse breve percurso sobre o pensamento saussuriano e benvenistiano sobre a constituição do objeto da linguística - a língua - torna-se fundamental trazer à tona a definição de signo linguístico. Em relação à concepção de signo, parte-se a princípio, da noção de arbitrariedade do signo linguístico proposta por Saussure. Utiliza-se como suporte teórico para este fim, as considerações tecidas na primeira parte da obra **Curso de Linguística Geral** (2012), mais especificamente no artigo, **natureza do signo linguístico**.

3. Saussure e o carácter *arbitrário* do signo linguístico.

Na abordagem da primeira parte desse estudo, verificou-se que na visão estruturalista da linguística saussuriana, a língua é considerada um sistema de signos. Mas o que seriam esses signos? O ponto de partida para que seja possível responder essa pergunta encontra-se no capítulo I da primeira parte do **CLG** (2012). Nesse texto é possível evidenciar as considerações do mestre genebrino sobre a natureza do signo linguístico.

Conforme as reflexões iniciais de Saussure, a língua torna-se alvo de crítica quando só se considera a sua nomenclatura, ou seja: “uma lista de termos que correspondem a outras coisas”. (SAUSSURE, 2012, p. 105), em outros termos, uma lista de palavras que dão nome às coisas do mundo. Essa visão de língua como simples nomenclatura deve ser deixada de lado a partir do momento, que ela passa a constituir-se de um sistema do qual o indivíduo lança mão para interagir com outros indivíduos, e, por isso, é composta de signos linguísticos.

Surge assim, a “definição célebre que abre o primeiro desenvolvimento concernente à linguística sincrônica”. (NORMAND, 2009, p. 62). “O signo linguístico une não uma coisa e uma palavra, mas um conceito e uma imagem acústica”, que são “ambos psíquicos e estão unidos em nosso cérebro por um vínculo de associação”, “o signo linguístico é, pois, uma entidade psíquica de duas faces”. (SAUSSURE, 2012, p. 106). Não se trata de relacionar um “objeto” a um termo, mas sim, um conceito a uma “imagem acústica”, é esta a função do signo linguístico. Essa definição é acompanhada, conforme explicita Normand (2009, p. 62), do esquema significante (Se) e significado (So), termos escolhidos por Saussure em lugar de imagem acústica e conceito.

Na perspectiva saussuriana (2012, p. 106), o significado refere-se à imagem mental, ao referente que temos para designar o signo, e o significante refere-se à sequência fônica

que utilizamos para designar o signo, ou seja, a representação natural da palavra, como fato virtual da língua, distinto de qualquer realização ao nível da fala. Esta não se trata apenas de som material, de algo unicamente físico, mas a marca psíquica desse som.

Com isso, é possível dizer que o signo é o resultado de um conjunto de relações mentais. Há em cada signo uma ideia ou várias ideias, de acordo com o contexto, com a leitura ou com o leitor e seu estado emocional. Assim, vale dizer que no ato de fala, há associação entre fragmento de pensamento e fragmento de som, uma relação associativa, produzindo signos linguísticos, unidades discretas (apreensíveis, representáveis, audíveis, reconhecíveis e significativas).

Dessa forma, é possível a partir do **CLG** (2012), perceber que esses dois elementos constituintes do signo, "estão intimamente unidos e um reclama o outro". (SAUSSURE, 2012, p. 107). Ou seja, são interdependentes, pois a existência de um compromete a existência do outro. Assim, conforme os pressupostos saussurianos, o signo linguístico, além de caracterizar-se por ser composto de um significado e um significante, possui como característica a **arbitrariedade**. Segundo Saussure (2012, p. 109), "o laço que une o significante ao significado é arbitrário". Essa arbitrariedade é assim proposta pelo autor,

A palavra *arbitrário* requer também uma observação. Não deve dar a ideia de que o significado dependa da livre escolha do que fala [...] queremos dizer que o significante é *imotivado*, isto é, arbitrário em relação ao significado, com o qual não tem nenhum laço natural na realidade. (SAUSSURE, 2012, p. 109).

Na perspectiva dessa arbitrariedade, da imotivação que há entre os elementos constituintes do signo, torna-se pertinente dizer que segundo Saussure (2012, p. 108), "a ideia de "mar" não está ligada por relação alguma interior à sequência de sons *m-a-r* que lhe serve de significante".

Saussure completa seu argumento usando o exemplo "o significado da palavra francesa *boeuf* (=boi) tem por significante *b-ö-f* de um lado da fronteira franco-germânica, e *o-k-s* (*Ochs*) do outro" (SAUSSURE, 2012, p. 108). Assim, para o mestre genebrino, o significante é **imotivado**, isto é, arbitrário em relação ao significado, com o qual não tem nenhum laço natural na realidade.

Saussure, a partir dessa citação, entende que o vocabulário **arbitrário** não deve conduzir à concepção de que o significado esteja sujeito à livre escolha do falante, isto é, *Se*

e *So* não se representam mutuamente na realidade. Dessa forma, na concepção saussuriana os signos são imutáveis, dessa forma, a associação *Se/So* não pode ser desfeita ou mudada pela vontade individual.

Conforme o autor, a arbitrariedade sustenta a criação das línguas a partir do consenso da coletividade, assim, apesar do uso das línguas ocorrerem individualmente “diz-se à língua: *Escolhe* (2012, p.111)”, a mudança no sistema linguístico jamais ocorrerá particularmente “O signo linguístico será este, não outro [...], não é livre: é *imposto*”. Conforme o autor: “um indivíduo não somente seria capaz, se quisesse, de modificar em qualquer ponto a escolha feita, como também a própria massa não pode exercer sua soberania sobre uma única palavra: está atada à língua tal qual é”. (SAUSSURE, 2012, p. 111).

Assim, é através da arbitrariedade do signo que toda uma comunidade é submetida à sua língua. A partir dessa afirmação, percebe-se que a ação individual de um falante nenhuma força poderá exercer sobre a língua e mesmo a ação coletiva de um grupo não poderia instantaneamente provocar qualquer mudança em qualquer signo e, por conseguinte, na língua.

Dessa forma, a relação entre **Se** e **So** não depende da livre escolha do falante, essa relação ocorre de maneira arbitrária, uma vez que não há ligação entre um conceito e a sequência de sons que lhe está associado. A escolha de determinado som para determinada ideia é arbitrária para Saussure. Conforme o teórico,

A arbitrariedade do signo nos faz compreender melhor porque o fato social pode, por si só, criar um sistema linguístico. A coletividade é necessária para estabelecer os valores cuja única razão de ser está no uso e no consenso geral: O indivíduo por si só, é incapaz de fixar um que seja. (SAUSSURE, 2012, p. 160).

Esse princípio característico do signo saussuriano depende da associação arbitrária, rompendo assim, com a ideia da língua como uma mera nomenclatura em que os significados estão fixos às coisas, visto ser o processo de associação bastante mais complexo do que a pura e simples nomeação. Em resumo, a língua para Saussure é um **sistema de signos** convencionados pela comunidade linguística. Dessa forma, pode ser definida, na concepção saussuriana, como um sistema de símbolos pelo qual a linguagem se realiza.

4. Benveniste e o caráter *necessário* do signo linguístico

Conforme Barbisan e Flores (2012, p. 15), Benveniste concordando com Saussure “continuará a definir a língua como um sistema de signos”, porém “pretende ir além de Saussure”.

No decorrer dos apontamentos evidenciados anteriormente foi possível perceber que Saussure caracteriza a natureza do signo linguístico como arbitrária. Baseado no fato de que significante e significado não têm nenhuma ligação natural na realidade, o linguista afirma que o significante - imagem acústica - não necessariamente representaria o significado – conceito- na realidade. Dessa forma, retomando o exemplo do **CLG** (2012) no qual Saussure utiliza o significado **boi** como sentido de ideia geral do signo **boi**, Benveniste confirma a importância do mestre genebrino na definição da natureza do signo linguístico. Para o autor,

É de F. de Saussure que procede a teoria do signo linguístico atualmente afirmada ou implicada na maioria dos trabalhos de linguística geral. E é como uma verdade evidente, não ainda explícita, mas incontestada na realidade, que Saussure ensinou que a natureza do signo é *arbitrária* (BENVENISTE, 2005, p.53, grifo do autor).

É através dessa passagem (*boeuf* “boi”, SAUSSURE, 2012, p.108) que Benveniste apresenta a seu leitor uma discussão acerca da afirmação saussuriana de que a relação entre significante e significado, seria algo arbitrário.

Conforme o linguista francês, no momento que o mestre genebrino afirma ser arbitrária a relação entre significante e significado, evidenciando que ambos os termos não têm nenhuma ligação natural na realidade, Saussure está na verdade, recorrendo inconscientemente a um terceiro termo que é justamente o próprio objeto: “a própria coisa, a realidade”. (BENVENISTE, 2005, p. 54).

Para justificar essa afirmação, Benveniste explicita que Saussure, ao falar da diferença entre **boeuf** e **ochs**, refere-se contra a vontade, ao fato de que esses termos designam a mesma realidade e assim, a possibilidade de se julgar a sua relação como arbitrária advém do fato de recorrermos à coisa **substancial**. Sobre essas considerações, no **PLG I** é possível evidenciar o posicionamento do autor “ora, é somente se se pensa no animal “boi” na sua particularidade concreta e “substancial” que se tem base para julgar

“arbitrária” a relação entre *boi* de um lado, *oks* do outro, como uma mesma realidade” (BENVENISTE, 2005 p. 54-55).

A partir desse posicionamento, Benveniste afirma que a relação entre significado e significante não é arbitrária, e sim **necessária**. Assim, um depende do outro para constituírem o signo linguístico. Na perspectiva benvenistiana, em nossa mente as ideias estão necessariamente ligadas aos sons que as representam, caso contrário esses sons não seriam por nós identificados. Essa ideia se justifica pelo fato de o conceito **boi** ser idêntico na consciência à sequência sonora **boi**, “como poderia ser diferente? Juntos os dois foram impressos no meu espírito; juntos evocam-se mutuamente em qualquer circunstância. Há entre os dois uma simbiose tão estreita que o conceito “boi” é como que a alma da imagem acústica *boi*”. (BENVENISTE, 2005, p. 55-56).

Portanto, a relação é de necessidade e não de arbitrariedade, uma vez que o significante e o significado, ou seja, a representação mental e a imagem acústica são “na realidade as duas faces de uma mesma noção e se compõem juntos como o incorporante e o incorporado”. (BENVENISTE, 2005, p.56).

Diante do exposto, verifica-se o que de fato é possível de ser exemplificado da arbitrariedade do signo linguístico. Conforme Benveniste é a própria possibilidade com que um **signo** - e não outro signo - recobre dada referência social de determinado elemento da realidade - e não, por sua vez, de outro elemento da realidade, isso indicaria uma situação contingencial para um sistema linguístico específico.

Compreende-se, através dos aspectos apresentados da leitura benvenistiana sobre a natureza do signo linguístico, que o signo traz em sua constituição um significado para que ele cumpra sua função social de colocar em relação, via linguagem e no mundo, um homem com outro homem. Isso porque, conforme Benveniste, a relação entre significante e significado é necessária para que haja signo linguístico. (BENVENISTE, 2005, p.59).

A partir dessa citação, é correto e necessário evidenciar que Benveniste (2005, p.56) concede ao próprio Saussure o crédito de não admitir a divisão entre o significante e o significado, quando esse os compara a duas faces de uma folha de papel, onde não é possível cortar um lado sem atingir o outro. Porém, como evidenciado na segunda parte deste estudo, a arbitrariedade do signo proposta por Saussure é imotivada, ou seja, o significado é imotivado e o significante não tem nenhum laço com a realidade.

É desse modo, que após trazer à discussão o signo saussuriano, Benveniste avança e dirige a discussão para a abertura de uma nova dimensão de língua, a da **significação**, que

só se dá na instância do discurso, isto é, na **enunciação**. Conforme o teórico é na enunciação que o signo emerge em sua plenitude, inexistindo fora do uso, onde não é nada senão apenas possibilidade de ser. Trata-se antes de tudo, da observação do signo linguístico sob o ponto de vista do locutor e, em decorrência, do ponto de vista da língua em uso.

Isso posto, parte-se para a pergunta norteadora desse trabalho; tece-se aqui uma reflexão que discorre a respeito da significação proposta por Benveniste, procurando evidenciar dessa forma se, ao pôr em relevo a questão da significação, o linguista francês procurou ir além da proposta teórica de Saussure.

Nesse aspecto, busca-se a partir de agora, tecer considerações a respeito da significação sob a perspectiva teórica benvenistiana, a fim de evidenciar se “a reflexão de Benveniste sobre a significação pode provocar, de certo modo, uma interpretação que traduziria um incômodo do teórico em relação à questão da arbitrariedade do signo linguístico proposta por Ferdinand de Saussure”, procura-se evidenciar se a partir disso, Benveniste separa-se dos pressupostos teóricos do mestre genebrino sobre o signo linguístico, e se este pode ser entendido, diferentemente da proposta de Saussure, não como um princípio único, mas como significação. Benveniste (2005, p. 58) pressupõe que “o que Saussure demonstra permanece verdade, mas a respeito da significação, não do signo”.

5. Signo linguístico: Princípio único ou significação?

Ao abordar as propriedades da língua conforme Benveniste e Saussure observou-se que para o linguista francês, a língua apresenta-se como sistema produtor de sentidos, uma organização semiótica capaz de interpretar outros sistemas semióticos e também a própria sociedade. E essa primazia da língua sobre os outros sistemas se dá pelo seu modo singular de significação, que não pode ser reproduzido por nenhum outro sistema.

Nesse aspecto, Benveniste no texto **Semiologia da língua** (2006) do **PLG II**, privilegia Saussure e sua reflexão que procede a língua, tomando-a como objeto exclusivo de estudo, porém começa a evidenciar que o **CLG** não foi claro, em sua abordagem, sobre a relação da linguística com a semiologia, ciência que estuda os sistemas de signos. Dessa forma, Benveniste esclarece em seus estudos, que o mundo do signo saussuriano é fechado (BENVENISTE, 2006, p.66). Nesse texto, o teórico francês encontra para a língua, um lugar

particular no universo dos sistemas semióticos pelo fato de poder interpretar os outros sistemas e também poder interpretar-se a si mesma.

Para explicar a situação privilegiada da língua de ser seu próprio interpretante e o interpretante dos outros sistemas significantes, Benveniste formula o princípio da **dupla significância**. Esse privilégio, segundo o autor, é uma consequência da combinação de dois modos distintos de significação: o **semiótico** e o **semântico**, conforme o teórico, “o semiótico designa o modo de significação que é próprio do SIGNO linguístico e que o constitui como unidade” (BENVENISTE, 2006, p.64), sendo da ordem do estável, do fixo. Assim “todo o estudo do semiótico, em sentido estrito, consistirá em identificar as unidades, em descrever suas marcas distintivas e em descobrir os critérios **cada vez mais sutis da distintividade**”.

Já o semântico, segundo o autor, é o modo específico de significância engendrado pelo discurso, a língua na sua função de produtora de mensagens. Para Benveniste (2006, p.65), o sentido é concebido globalmente e se divide em signos particulares, que são as palavras. O modo semântico traz o conjunto dos referentes e se relaciona com o universo do discurso.

No que concerne às diferenças entre aplicações semióticas e semânticas, fica mais fácil visualizar suas disparidades e objetivos por meio da seguinte citação de Benveniste, retirada do artigo **a forma e o sentido na linguagem** da obra **PLG II** (2006, p. 229-230). Nesse artigo, o linguista francês faz definições precisas a respeito de cada aplicação:

A semiótica se caracteriza como uma propriedade da língua; a semântica resulta de uma atividade do locutor que coloca a língua em ação. O signo semiótico existe em si, funda a realidade da língua, mas ele não encontra aplicações particulares; a frase; a frase, expressão do semântico, não é *senão* particular. Com o signo tem-se a realidade intrínseca da língua; com a frase liga-se às coisas fora da língua; e enquanto o signo tem por parte integrante o significado, que lhe é inerente, o sentido da frase implica referência à situação de discurso e a atitude do locutor.

Através dessa dupla significância da língua, Benveniste evidencia que o semiótico deve ser reconhecido e o semântico deve ser compreendido, no primeiro, importa a relação entre os signos no interior de um sistema linguístico, e no segundo, a relação dessas formas linguísticas com as condições de uma enunciação.

Ao colocar o estudo dos signos no plano semiótico, Benveniste o percebe como dotado de significação na comunidade daqueles que fazem uso de uma língua. Assim, é da articulação entre semiótico e semântico que nasce a possibilidade de conversão da língua em discurso, referenciada sempre e necessariamente a um **eu-tu-aqui-agora**, isto é, ao seu contexto de produção. Nas palavras do linguista,

Esses dois sistemas se superpõem assim na língua tal como a utilizamos. Na base, há o sistema semiótico, organização de signos, segundo o critério da significação [...]. Sobre esse fundamento semiótico, a língua-discurso constrói uma semântica própria, uma significação intencionada, produzida pela sintagmatização das palavras. (BENVENISTE, 2006, p. 233-234).

É perceptível que o semiótico em Benveniste, traz a consideração saussuriana de que a significação resume-se à identificação e distinção dos signos linguísticos separados de toda referência, assim, os signos são definidos pela sua relação com os outros signos, já o semântico considera o sentido globalmente, incluindo a referência. Desse modo, Benveniste (2006, p. 66) assegura que a ordem semântica se identifica ao mundo da enunciação e ao universo do discurso. Justamente por isso, Benveniste afirma ser a língua, o “único sistema em que a significação se articula em duas dimensões”.

Normand (2007, p. 19) considera que foi o estudo de Benveniste sobre a significação da língua que o fez **superar** Saussure, já que buscou **romper a barreira** do sistema fechado da língua [...]. Analisar o **semântico**, eis a proposta de Benveniste.

De acordo com o pensamento de Normand (2007), ao analisar o semântico, Benveniste vai além de Saussure, pois propõe esse modo para dar conta da língua em ação. Assim, conforme o linguista, “somente o funcionamento semântico da língua permite a integração da sociedade e a adequação ao mundo, e por consequência a normalização do pensamento e o desenvolvimento da consciência”. (BENVENISTE, 2006, p. 229). Esse modo semiótico resulta de uma atividade em que o locutor se apropria da língua, ou seja, ao próprio ato de enunciação.

A preocupação do autor em ultrapassar Saussure manifesta-se então, especificamente, no tratamento da significação. Dessa forma, longe de desfazer a oposição saussuriana, Benveniste **coloca a língua em uma nova dimensão** - a da significação - rompendo com a ideia de signo como princípio único, para ele, a significação acontece na instância do discurso, isto é, na enunciação “antes de qualquer coisa, a língua significa”

(2006, p.222). É na enunciação que o signo emerge em sua plenitude inexistindo fora do uso, onde não é nada senão apenas possibilidade de ser.

A partir dessa definição é possível evidenciar, que a noção saussuriana de língua como um sistema de signos linguísticos pode parecer um tanto **ultrapassada**, em vista de que, para um novo leitor das teorias enunciativas, as perspectivas teóricas benvenistianas sobre a estrutura e funcionamento da língua, através do estudo da significação (semiótico e semântico) apresentam-se mais esclarecedoras e atuais.

Fica claro que Benveniste reformula a noção da **arbitrariedade** do signo linguístico, conforme o autor, o significante está para o semiótico, assim como o significado está para o semântico, e é justamente por esse motivo que a relação do significante com o significado tem de ser **necessária** e não **arbitrária**. Essa necessidade advém do próprio fato da língua ser um sistema cujos elementos são necessariamente e não arbitrariamente, portadores de sentido.

Diante disso, é possível evidenciar, que na perspectiva do linguista francês, a significação pode ser afetada pelo lugar, já que ela é o produto semântico dos movimentos realizados pela língua. Dessa forma, verifica-se que é via noção semântica do signo que nos comunicamos e interagimos com o mundo, essa noção permite ao indivíduo a normalização do seu pensamento e o desenvolvimento da sua consciência.

Para concluir, verifica-se que a unidade semântica do signo não o trata como dotada de uma única significação, mas sim, como dotada de significações. Conforme Benveniste (2006, p.229), "não se trata mais, dessa vez, do significado do signo, mas do que se pode chamar o intencionado, do que o locutor quer dizer, da atualização linguística de seu pensamento".

Diante do exposto, confirma-se que Benveniste, ao abordar tais considerações sobre o signo linguístico vai além de Saussure, pois, como evidenciado no decorrer deste trabalho, o mestre genebrino concebeu a língua como estática, como independente da situação de uso. Com essa concepção, Saussure deixa claro, que o significante define os nomes e lhe atribui um único valor. Diante disso, o signo linguístico assume a característica de princípio único, ou seja, resulta da união do conceito com a imagem acústica, assim, o significado é imotivado e o significante não tem nenhum laço natural com a realidade.

Diferentemente da concepção saussuriana, Benveniste evidencia que o signo linguístico é dotado de sentido e significação "na comunidade daqueles que fazem uso de uma língua, e a totalidade destes signos forma a totalidade da língua". (BENVENISTE, 2006,

p. 227). Dessa perspectiva, o signo traz em sua constituição um significado para que ele cumpra sua função social de colocar em relação, via linguagem e no mundo, um homem com outro homem.

Nesse sentido, é possível constatar que o homem acaba sempre recriando a língua, modelando o sentido das palavras conforme as suas necessidades, tanto no âmbito da criação dos textos, quanto na prática da comunicação. Assim, o signo linguístico deixa de assumir um princípio único de significação como preconizava o mestre genebrino, pois a significação deve ser buscada no próprio texto ou no próprio discurso a partir da relação entre as palavras e frases que o(s) forma(m), na relação que o texto/discurso faz com outros textos/discursos, com o contexto e com a situação social a que se referem.

Com isso, é possível perceber que o valor do signo ultrapassa as significações dicotômicas de Saussure. Em Benveniste é perfeitamente perceptível o valor discursivo do signo quando analisado além do significante e do significado. O signo, ao interagir com outros signos, dentro de um dado contexto, pode emitir as mais diversas e surpreendentes significações, além de outras desejadas pelo emissor. Dessa forma, "é no uso da língua que um signo tem existência". (BENVENISTE, 2006, p. 227). E o homem precisa da língua para existir.

Considerações finais

No decorrer deste artigo, ocupei-me do propósito de apresentar certos aspectos da leitura saussuriana e benvenistiana sobre a natureza do signo linguístico.

Tomando por base as discussões até aqui apresentadas, é possível afirmar que o objeto de estudo da linguística - a língua - é a questão central que une Benveniste à Saussure, pois, ambos os autores, a definiram como objeto de estudo. Porém, esse objeto de estudo também os afasta. Esse afastamento acontece pela perspectiva da enunciação pela qual Benveniste passa a observar a língua.

Como mencionado anteriormente, Benveniste coloca a língua em uma nova dimensão, a da significação, distanciando-se de Saussure e de sua visão estruturalista, que concebe a língua como um sistema de elementos relacionados entre si, descartando o meio pelo qual foi constituída. Dessa forma, ao estabelecer o conceito de língua, Saussure

designou a importância da arbitrariedade do signo linguístico, porém sua análise não abrangeu o mundo como referencial.

Ficou claro durante o estudo, que Benveniste concorda com Saussure quando este considera o signo como arbitrário e discorda que a arbitrariedade esteja no laço que une significante/significado. Segundo o linguista Francês, ao afirmar que a língua é um sistema de valores puros, fechado em si mesmo, podendo ser modificado com o passar do tempo, mas, sem a intervenção do indivíduo nessa modificação, Saussure despreza a realidade, excluindo o mundo exterior na análise da língua como um sistema de signos. Na concepção de Benveniste essa realidade desprezada por Saussure é necessária para se chegar a uma definição de signo linguístico.

Diante das reflexões apresentadas, foi possível evidenciar que a arbitrariedade do signo é vista de maneira diferente em Benveniste, na perspectiva do linguista francês, ao analisar o signo linguístico devem ser observados os fatores externos, vindos do mundo, da realidade, ou seja, é necessário levar em conta a língua em emprego e ação. Benveniste desse modo observa o signo linguístico já constituído e em funcionamento no seio da sociedade.

Em vista disso, o linguista francês observa uma necessidade que se impõe na relação entre significante e significado, pois, a arbitrariedade se dá na conexão do signo com a coisa do mundo, ou seja, o seu referente. Conforme o autor, sem essas referências, das quais os signos designam, ficaria difícil dar conta de explicar a significação linguística.

Neste ponto, chega-se à resposta ao questionamento apresentado no início desse estudo, é possível afirmar, assim como já evidenciado por Normand (2007), que no momento em que Benveniste aborda de forma mais intensa a questão da significação da língua, está, de certo modo, colocando a questão da arbitrariedade do signo linguístico, proposta por Saussure em uma nova dimensão, o que poderia de certa forma traduzir um incômodo do linguista francês em relação à concepção saussuriana de língua como independente da situação de uso, ou seja, estática. O próprio Benveniste (2006, p. 67) ressalta que se faz “necessário ultrapassar a noção saussuriana do signo como princípio único, do qual dependeria simultaneamente a estrutura e o funcionamento da língua”.

Parece ser possível argumentar ainda, que a significação envolve a representação da realidade, por meio de signos linguísticos inseridos em um discurso em que o sujeito é parte essencial, pois é dele que parte o enunciado carregado de um valor, de um uso particular.

Diante dessa assertiva, considera-se nesse trabalho, o signo linguístico, não como princípio único, assim como postulou Saussure, mas como significação. Dessa forma, levando em conta os preceitos teóricos benvenistianos, conclui-se, que o signo não pode ser considerado um elemento de natureza vazia, ou seja, um signo superficial, sem significação.

Assim, os signos quando analisados fora de um contexto, são apenas signos que nada ou quase nada significam, tendo em vista que sua máxima realização dá-se pela relação que mantêm com outros signos dentro de um dado contexto. Na trilha aberta por Benveniste é possível finalizar este trabalho, afirmando que nenhum signo isolado possui valor em si mesmo, todo signo deve ser contextualizado para ganhar significação.

Porém, sabe-se que o que foi evidenciado neste artigo necessita ainda, maior investimento de tempo e aprofundamento, de qualquer forma, buscou-se com esse trabalho apresentar uma visão geral acerca do pensamento saussuriano e benvenistiano sobre o signo linguístico concluindo que ambos, à sua maneira e ao seu tempo, contribuíram significativamente para dar à linguística a relevância que lhe é própria.

É evidente, que o percurso realizado em meio aos pressupostos teóricos benvenistianos e saussurianos sobre o objeto da linguística e o signo linguístico nos instigam a prosseguir a pesquisa em um estudo futuro mais aprofundado que venha suscitar novas perguntas e novas respostas sobre esse complexo e infindável campo de estudos quando se pensa a língua, o signo, a linguagem e o discurso.

Referências Bibliográficas

- BARBISAN, Leci Borges; FLORES, Valdir do Nascimento. Sobre Saussure, Benveniste e outras histórias da linguística. In: NORMAND, Claudine. **Convite à linguística**. São Paulo: Contexto, 2012.
- BENVENISTE, Émile. Vista d'olhos sobre o desenvolvimento da linguística. In: BENVENISTE, Émile. **Problemas de linguística geral I**. Campinas, SP: Pontes, 2005. p. 19-33.
- _____. Natureza do signo linguístico. In: _____. **Problemas de linguística geral I**. Campinas, SP: Pontes, 2005. p. 53-59.
- _____. Da subjetividade na linguagem. In: _____. **Problemas de linguística geral I**. Campinas, SP: Pontes, 2005. p. 284-293.
- _____. Estrutura da língua e estrutura da sociedade. In: _____. **Problemas de linguística geral II**. Campinas, SP: Pontes, 2006. p. 93-104.
- _____. O aparelho formal da enunciação. In: _____. **Problemas de linguística geral II**. Campinas, SP: Pontes, 2006. p. 81-90.
- _____. Semiologia da língua. In: _____. **Problemas de linguística geral II**. Campinas, SP: Pontes, 2006. p. 43-67.

- _____. A forma e o sentido na linguagem. In: _____. **Problemas de linguística geral II**. Campinas, SP: Pontes, 2006. p. 220-242.
- GIACOMELLI, Karina. A enunciação em Benveniste e Bakhtin: exclusões saussurianas (artigo). In: **Círculo de Estudos Linguísticos do Sul (CELSUL)**. Disponível em: <<http://www.celsul.org.br/Encontros/04/artigos/063.htm>>. Acesso em: 05 de set. 2015
- NORMAND, Claudine. Saussure-Benveniste. **Revista Letras**, Santa Maria, n. 33, p. 13-21, jul/dez. 2007. Disponível em: <<http://cascavel.cpd.ufsm.br/revistas/ojs-2.2.2/index.php/letras/article/download/11920/7341>>. Acesso em: 05 de set. 2015.
- NORMAND, Claudine. **Saussure**. São Paulo: Estação Liberdade, 2009.
- SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de Linguística Geral**. Organizado por Charles Bally e Albert Sechehaye com a colaboração de Albert Riedlinger. São Paulo: Cultrix, 2012.

ⁱ Mestre em Letras pela Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões (URI), Campus de Frederico Westphalen; Doutoranda em Letras pela Universidade de Passo Fundo (UPF). E-mail: ritacassiaverdi@yahoo.com.br